

# Israel afirma ter matado chefe de segurança do Irã

Um comandante das principais unidades paramilitares também foi morto

/ ORIENTE MÉDIO

O governo de Israel anunciou que matou em um ataque na madrugada de ontem Ali Larijani, considerado o principal operador do regime islâmico do Irã e o verdadeiro poder por trás da ascensão do novo líder supremo do país, Mojtaba Khamenei. Segundo o ministro Israel Katz (Defesa), além de Larijani, foi morto também Gholamreza Soleimani, comandante de uma das principais unidades paramilitares iranianas, a milícia Basij, responsável por reprimir protestos contra a teocracia.

O Irã ainda não se pronunciou. Após o anúncio de Israel, a conta de Larijani no X publicou uma nota escrita à mão pelo político e sem data, na qual ele celebrava os marinheiros mortos por um ataque de um submarino americano contra uma fragata iraniana no oceano Índico.

Larijani, 67 anos, é a figura mais importante a ser alvejada por Israel desde o primeiro dia da guerra, em 28 de fevereiro, quando os ataques conjuntos lançados com os Estados Unidos mataram o pai de Mojtaba, Ali Khamenei, que comandava o país havia 37 anos.

Cerca de 40 lideranças militares e políticas da teocracia também foram mortas naquela onda inicial de ataques, da qual Larijani emergiu como o nome mais forte do regime. Ele era homem de confiança do antigo líder e chefe de seu Conselho de Segurança Nacional.

Imediatamente, assumiu o controle da comunicação do governo, suplantando o presidente



Ali Larijani era considerado principal operador do regime islâmico do Irã

Masoud Pezeshkian, que integrava uma trinca constitucional de transição até a escolha do novo líder. Isso ocorreu rapidamente, em uma semana, e Mojtaba foi eleito pela Assembleia dos Especialistas.

Houve queixas abafadas entre alguns dos 88 integrantes do colegiado acerca da falta de transparência do processo, conduzido com mão de ferro por Larijani para manter o edifício da teocracia em pé. Ele era muito próximo da estrutura da Guarda Revolucionária, incrustada em diversos aspectos da vida econômica e civil iraniana.

Há relatos, contudo, de que Larijani preferia um nome mais moderado para a liderança. Seja como for, o novo líder supremo, que não apareceu em público até agora, terá de lidar com uma nova estrutura de poder. Dada a natureza opaca do regime, é provável que outras figuras ocupem o vácuo, e hoje o maior cacife para estar com a linha-dura da Guarda.

O fato é que nem a presença de Mojtaba é uma certeza. Ele só

fez um pronunciamento até aqui, na semana passada, e foi um texto lido pela mídia estatal. Segundo membros do governo, ele foi ferido no ataque em que seu pai e outros cinco membros da família morreram, mas está bem.

O presidente Donald Trump já colocou em dúvida essa versão. Na segunda, afirmou que não sabe se o líder “está vivo ou morto”. Já a agência Reuters disse que autoridades da chancelaria iraniana tiveram ontem a primeira reunião com Mojtaba, e que ele manteve a posição de não negociar com EUA e Israel agora.

Se confirmada a morte de Larijani, o processo de decapitação do regime promovido por Washington e Tel Aviv ganha novo capítulo. Nele, a eventual morte de Soleimani, 61, ganha destaque porque a milícia Basij, parte da Guarda, é constituída pelos jovens mais ideológicos ligados ao regime. Foi ela que comandou a repressão aos atos contra a teocracia em janeiro, os maiores em 47 anos de regime, que deixaram milhares de mortos.

## ‘EUA não precisam de ninguém para reabrir o Estreito de Ormuz’

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou ontem que os EUA são “o país mais poderoso do mundo” e não precisam “da ajuda de ninguém”, após membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) se recusarem a auxiliar na segurança do Estreito de Ormuz, bloqueado pelo Irã após o início dos ataques americanos-israelenses em Teerã.

Em publicação na Truth Social, Trump disse que os EUA foram informados pela maioria de seus “aliados” da Otan de que não querem se envolver na operação militar no Irã. “Não me surpreende essa atitude, pois sempre considerei a Otan, onde gastamos centenas de bilhões de dólares por ano protegendo esses mesmos países, uma via de mão única: nós os protegemos, mas eles não fazem nada por nós, especialmente em um momento de necessidade”, escreveu.

“Devido ao sucesso militar que alcançamos, não ‘precisamos’ nem desejamos mais a ajuda dos países da Otan - NUNCA PRECISAMOS”, afirmou. “O mesmo se aplica ao Japão, à Austrália ou à Coreia do Sul”, escreveu. “Aliás, falando como presidente dos EUA, de lon-

ge o país mais poderoso do mundo, NÃO PRECISAMOS DA AJUDA DE NINGUÉM”, acrescentou.

Pouco depois, o republicano voltou a comentar o caso e classificou a decisão da Otan como um “erro muito tolo”. “Quando dizem que o Irã era uma ameaça, mas que não vão ajudar, acho que estão sendo muito tolos”, disse Trump a repórteres ao receber o primeiro-ministro da Irlanda, Micheál Martin, no Salão Oval.

Ele também afirmou que a decisão é decepcionante e ruim para a parceria. “Não precisamos deles, mas eles deveriam estar lá”. O presidente também disse que o primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, cometeu “um grande erro” ao rejeitar seu pedido de ajuda para reabrir o Estreito de Ormuz.

“Ele não demonstrou nenhum apoio e acho que isso é um grande erro”, disse Trump. “Estou decepcionado com Keir. Gosto dele, acho que ele é um bom homem, mas estou decepcionado”, declarou. No domingo, Trump já havia dito que a Otan enfrentaria um futuro “muito ruim” se não ajudasse os EUA a reabrir o Estreito de Ormuz.

## ‘Posso morrer presa’, diz Cristina Kirchner em novo depoimento

/ ARGENTINA

A ex-presidente da Argentina Cristina Kirchner foi depor, ontem, no caso judicial conhecido como “Cuadernos”, que é diferente daquele investigava propinas na construção de estradas no sul do país e que a levou a ter sua condenação confirmada no ano passado.

“Estamos enfrentando juízes que não são mais imparciais, estamos em um caso onde o juiz e o promotor são mafiosos. Não se trata mais de condenar sem provas, mas forjar provas para condenar pessoas”, completou, ao mencionar que os cadernos originais foram destruídos.

“Com este sistema judicial, posso morrer presa”, declarou antes de concluir seu depoimento. “Mas acreditem que em algum momento isso vai terminar [...] Chegará um momento em que finalmente as coisas vão mudar”, afirmou ao mencionar

que o peronismo poderá voltar ao poder quando os argentinos perceberem que o modelo de Javier Milei não funciona.

A ex-chefe de Estado também argumentou que Milei violou a Constituição ao declarar, na abertura do Congresso, que ela vai ser declarada culpada neste caso e que permaneceria presa. No caso “Cuadernos”, a ex-presidente da Argentina é acusada de liderar uma associação ilícita que recebia propinas de empresas ligadas a projetos de obras públicas concedidos por seu governo.

As acusações contra Cristina incluem liderança de uma organização criminosa e suborno, com penas que podem chegar a dez anos. Caso seja declarada culpada, a líder do Partido Justicialista somará essa pena à sua condenação anterior, de seis anos. Outros 86 réus serão ouvidos, incluindo ex-funcionários e empresários, e 626 testemunhas.

## Trump adia viagem à China para se focar na guerra

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, adiou uma viagem diplomática à China para se concentrar na guerra contra o Irã. “Acho importante que eu esteja aqui. Então, pode ser que adiemos um pouco. Não muito”, previu.

Durante um encontro com o primeiro-ministro irlandês, Micheál Martin, no Salão Oval, ontem, Trump afirmou que iria à China em cinco ou seis semanas, em vez de no final deste mês. Ele afirmou que irá remarcar sua visita ao presidente chinês, Xi Jinping.

“Estamos trabalhando com a

China - eles concordaram. Estou ansioso para ver o presidente Xi. Acho que ele também está ansioso para me ver”, reforçou. A viagem havia sido planejada há meses, mas começou a ruir à medida que Trump começou a insistir para que Pequim e outras potências mundiais usassem a força militar para proteger o Estreito de Ormuz.

Após pressionar a China e outras nações, Trump indicou que seus planos de viagem dependiam da resposta de Pequim, embora tenha acrescentado que os EUA não precisavam da ajuda dos aliados

que rejeitaram seu pedido.

Em uma entrevista ao Financial Times no domingo, Trump disse que gostaria de saber se Pequim ajudaria a garantir a segurança do estreito antes de partir para a cúpula no final de março. O secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, se reuniu em Paris com o vice-primeiro-ministro chinês, He Lifeng, para uma nova rodada de negociações para abrir caminho para a viagem de Trump. Ele disse que quaisquer alterações seriam por motivos logísticos, e não porque Trump estivesse tentando pressionar Pequim.